

6



Elementos do Processo de Pesquisa em Esporte Escolar **Pré Projeto**

1ª edição

Brasília-DF, 2004

República Federativa do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente

Ministério do Esporte
Agnelo Santos Queiroz Filho
Ministro

Orlando Silva de Jesus Júnior
Secretário Executivo

Ricardo Leyser Gonçalves
Secretaria Nacional do Esporte Educacional

Lino Castellani Filho
Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer

André A. Cunha Arantes
Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento

Julio César Soares da Silva
Diretor do Departamento de Esporte Escolar e Identidade Cultural

Luciana H. de Cecco
Coordenadora de Apoio, Capacitação e Eventos Esportivos

Comissão de Especialistas de Educação Física

Alcides Scaglia
João Batista Freire
Juarez Sampaio
Mara Medeiros
Marcelo de Brito
Renato Sampaio Sadi
Suraya Darido

Fundação Universidade de Brasília

Lauro Morhy
Reitor

Decanos

Sylvio Quezado de Magalhães
Extensão

Noraí Romeu Rocco
Pesquisa e Pós-Graduação

Ivan Marques de Toledo Camargo
Ensino de Graduação

Thérèse Hofmann Gatti
Assuntos Comunitários

Erico Paulo Siegmur Weidle
Administração e Finanças

Centro de Educação a Distância – CEAD-UnB

Diretor
Bernardo Kipnis

Equipe Pedagógica
Maritza L. dos Santos
Sheila Schechtman
Tâmara M. F. Vicentine

Equipe de Produção

Tâmara M. F. Vicentine – designer instrucional
Francisco M. C. de Oliveira – ilustrações

Sobre o autor do módulo

Bernardo Kipnis, Ph.D.
Professor-adjunto da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Economia pela Universidade de Brasília e Ph.D. em Educação pela University of London, Institute of Education. Realizou seu pós-doutorado no Center of Studies in Higher Education, University of California, Berkeley. Atualmente, é Diretor do Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília.

Apresentação

Bem-vindo ao módulo **Elemento do Processo de Pesquisa em Esporte Escolar - Pré-projeto**. Este é o momento para você começar a pensar na pesquisa que irá realizar como requisito para finalização do curso de Especialização em Esporte Escolar. Desse modo, entendemos que você esteja interessado em compreender o que é e como realizar uma **pesquisa**.

Normalmente, a pesquisa é colocada no campo da academia como necessária para o avanço do conhecimento e a ser feita por especialistas preparados para tal tarefa, os pesquisadores. De fato, hoje ela se profissionalizou e, dentro da carreira acadêmica, dizemos que o pesquisador independente se forma, na medida em que termina o seu programa de pós-graduação com a defesa de uma tese de doutorado. Essa formação, na realidade, representa a continuidade de um processo iniciado desde a graduação, quando o aluno, por diversos meios, associou-se a um projeto de pesquisa de seu professor na universidade, apresentou um trabalho de conclusão de curso e continuou seu caminho dentro de um programa de pós-graduação. Nessa perspectiva, presenciamos o processo de formação de um pesquisador, o qual leva vários anos e necessita, sobretudo, de amadurecimento.

No entanto, podemos entender o processo de pesquisa não somente com o objetivo de formar pesquisadores profissionais, mas associá-lo a um significado mais abrangente e útil para qualquer formação de pessoas.

Estamos querendo dizer que a pesquisa pode se constituir em um processo de sistematização do conhecimento, ou seja, de organização do nosso pensamento, o qual pode nos ajudar no nosso cotidiano profissional e privado, principalmente na tomada de decisões entre alternativas disponíveis.



Dentro dessa visão, tornar o processo de pesquisa mais amigável, de forma a que seja utilizado por pessoas que não irão se tornar pesquisadoras profissionais, constitui-se em tarefa importante e para a qual o presente módulo representa uma primeira etapa.

Entretanto, a realização de trabalhos de conclusão de cursos, na medida em que se busca certificações em níveis mais elevados, passa a requerer uma preparação básica em pesquisa. A realização de curso de pós-graduação *lato sensu*, especialização ou MBA, normalmente exige um trabalho final, chamado de monografia ou não, o qual geralmente está organizado como um relatório, resultado de uma pesquisa implementada. Uma preparação para tal exigência torna-se necessária e, por conseguinte, o candidato a especialista deve ter algum tipo de suporte.

Qual a finalidade desse módulo?

Levar você a apresentar o que estamos chamando de um **pré-projeto de pesquisa**, ou seja, algo que vem antes do que seria um projeto de pesquisa de fato. A lógica é a seguinte: você gostaria de realizar um determinado estudo e não sabe por onde começar. Precisa, ao final, apresentar algumas conclusões, porém se indaga como chegar a elas. A idéia de um pré-projeto pode se tornar atrativa, na medida em que serve como uma carta de intenção, mais organizada, para a sua pretensão de realizar o estudo. Está claro que essa intenção pode servir para sistematizar uma proposta de pesquisa a ser apresentada em algum curso formal de pós-graduação, ou simplesmente organizar o seu pensamento para outras demandas profissionais que acontecem no seu dia-a-dia.

Se o seu foco está na entrada e na conclusão de um curso de especialização, você pode argumentar que essa primeira intenção poderá sofrer mudanças. Isso é perfeitamente natural. No entanto, a nossa **convicção** é de que será mais fácil mudar a partir de um domínio maior do processo de pesquisa e de uma clara compreensão de sua estruturação. É como se tivéssemos uma forma de bolo, a qual permanece, mudando-se apenas os ingredientes do bolo. Ele pode ser de laranja, chocolate, com recheio ou cobertura, mas vai sempre ser feito usando aquela mesma forma.

Estamos, também, cientes, de que a aproximação de cada um com o processo de pesquisa pode ser diversificada. Uns já tiveram outras experiências nessa direção e, portanto, não estão diante de nenhuma novidade, enquanto para outros trata-se de um primeiro encontro. Seja qual for a situação, a idéia é a de que cada pessoa irá caminhar pelo percurso da realização de uma pesquisa a partir de uma orientação comum, provavelmente em ritmos diferenciados. Trata-se de uma questão de tempo mais do que de qualidade. A orientação será a mesma, a variação estará no ritmo do aprendizado de cada um.

A nossa **hipótese** principal, nesse momento, é a de que, se você possuir uma intenção de trabalho final mais elaborada desde o início, todo o seu percurso posterior tornar-se-á mais fácil e mais consistente.

Uma velha questão entre os cientistas é se existe diferença na forma de se realizar pesquisa entre ciências da natureza e ciências sociais. O fato do ser humano se constituir em objeto de estudo, em que as emoções e crenças jogam a sua parte, diferentemente dos objetos da natureza, cria a necessidade de uma outra forma de se fazer ciência? Aqui, enfatizamos o social no sentido de abrir a discussão sobre essas diferenças, que estão

estabelecidas em diferentes interpretações do que seja ciência e de como devemos realizá-la. E como você verá mais adiante, isso traz implicações no momento em que você propuser a sua própria pesquisa.

A esse módulo estará associado um outro que servirá de apoio para a sua condução pelos meandros do processo de pesquisa. Esperamos, com isso, estar gerando em você uma competência em buscar soluções mais sistemáticas para problemas encontrados no cotidiano de sua prática profissional e que, muitas vezes, pela necessidade de apresentação de resultados rápidos e pela intensidade na realização de tarefas, impede a proposição de soluções mais consistentes.

Uma última informação. Você perceberá, ao longo do módulo, a proposição de atividades. Elas nada mais são do que a criação de condições para apresentação do seu pré-projeto, ao final. Essas atividades estão associadas a cada elemento do processo de pesquisa e, na medida que você as realiza, estará dando um passo para a concretização do seu pré-projeto. E mais, estará percebendo como, nessa construção, os vários elementos da pesquisa estão relacionados de forma que qualquer alteração trará implicações para os outros elementos.

Novamente bem-vindo à pesquisa e vamos arregaçar as mangas para iniciar o nosso trabalho!

Anteriormente, falamos da nossa **convicção** em termos da utilidade do pré-projeto mesmo em condições de mudança. Agora, mencionamos a apresentação do pré-projeto, considerado um facilitador fundamental para o percurso de elaboração de um trabalho final em um curso de especialização, como uma **hipótese**. Essa distinção entre **convicção** e **hipótese**, esperamos, ficará mais clara ao longo do módulo.



Sumário

Apresentação 3

Unidade 1 → **O discurso científico e as implicações para a pesquisa em esporte escolar** 8

- 1.1 Introdução 10
- 1.2 Diferentes formas de discurso 13
- 1.3 A pesquisa empírica - a relação entre teoria e prática 16
- 1.4 A questão do paradigma científico na pesquisa 18
- 1.5 Uma síntese para a Unidade 21

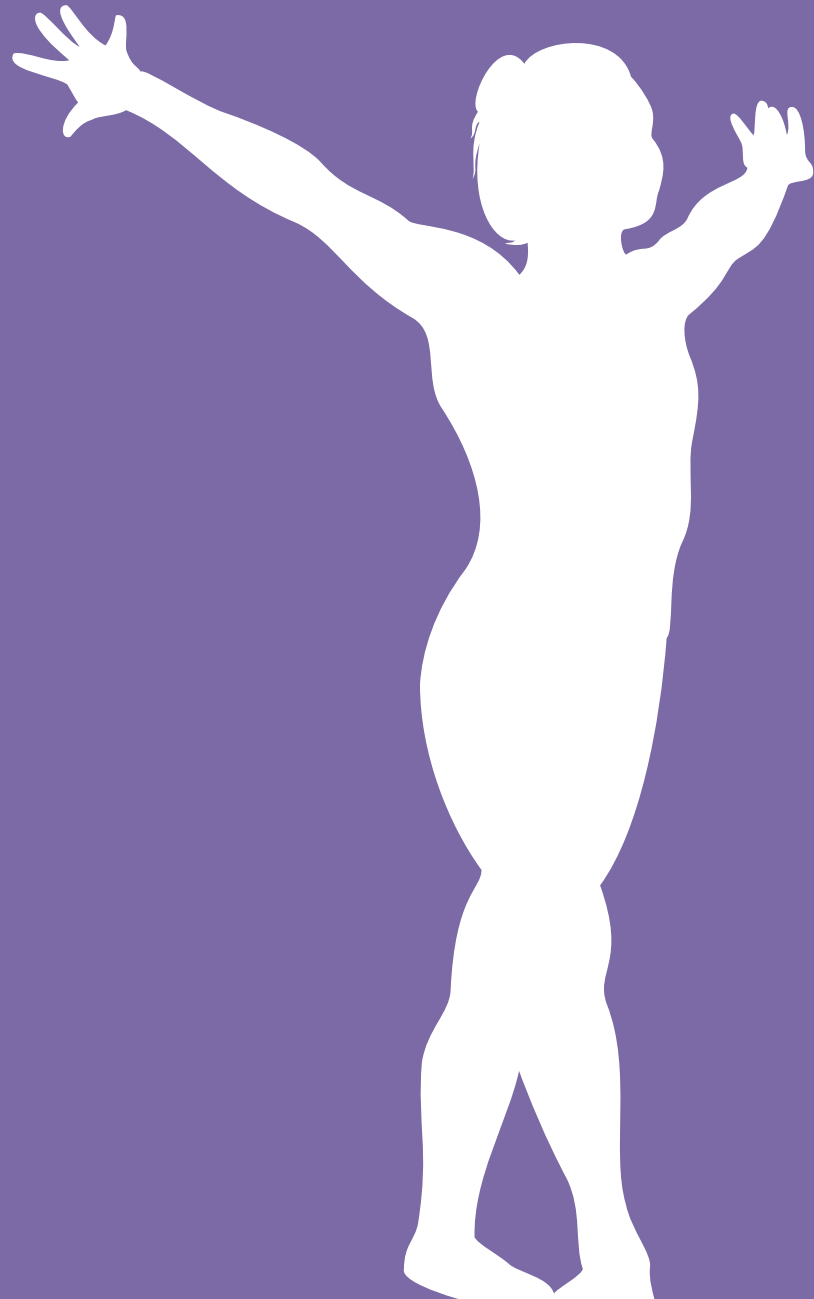
Unidade 2 → **Elementos para a composição de um pré-projeto de pesquisa na área do esporte escolar** 24

- 2.1 O ponto de partida - o início da pesquisa 26
- 2.2 A problematização da pesquisa e sua justificativa - a preocupação com o foco 28
- 2.3 A questão da delimitação - o objeto de estudo 33
- 2.4 Objetivos da pesquisa - o que se quer alcançar 36
- 2.5 Referencial teórico - a sustentação teórica da argumentação 38
- 2.6 Metodologia - como se preparar para levantar evidências 40
- 2.7 Cronograma de trabalho - a questão dos prazos 46
- 2.8 Referências 48
- 2.9 Título da pesquisa 49

Referências bibliográficas 52



1



O discurso **científico e as**
implicações **para a** pesquisa
em **esporte escolar**

1.1 Introdução



Ao final do módulo você terá desenvolvido competências para:

- Elaborar um pré-projeto de pesquisa empírica na área do esporte escolar.

Especificamente, você deverá:

- I. Entender as especificidades do discurso científico;
- II. Distinguir os diferentes elementos constitutivos de um pré-projeto de pesquisa empírica;
- III. Organizar um pré-projeto de pesquisa empírica.

Vamos imaginar, nesse início, que você esteja se preparando para uma viagem de maior duração e que se encontre um pouco nervoso, pois se trata da primeira vez em que passará por essa experiência.

Normalmente, o ponto de partida para seu planejamento está contido na preparação da bagagem, supondo-se que as necessidades básicas em relação ao local para onde você vai estejam equacionadas. O que deve levar nas malas, já que está se afastando por um período mais longo, constitui-se em uma primeira preocupação. Como você já tem experiência de outras viagens, sabe como ordenar, nas malas, os diversos objetos, de acordo com o seu formato e sua utilização.

Agora, imagine a realização de sua pesquisa como uma viagem de longa duração e que, de início, você dispõe de diversas idéias, seus objetos de viagem, porém ainda não sabe como organizá-las. Diferentemente dos objetos colocados de forma organizada na mala, agora você colocará, em um arquivo de computador, essas suas idéias iniciais ainda desorganizadas, na esperança de que a própria viagem ofereça subsídios para essa organização.



O processo de pesquisa nada mais é do que uma forma de sistematizar idéias que antes se encontravam de forma difusa e desorganizada.

No entanto, para que você está fazendo essa viagem? Qual o seu objetivo? Não serão o prazer, o lazer ou mesmo a vivência existencial suas maiores preocupações, embora todos esses elementos possam fazer parte. Seu objetivo último é o de produzir um texto final, resultado de um processo no qual você aprendeu a organizar as suas idéias de acordo com um princípio preestabelecido.

Está claro que no seu dia-a-dia de trabalho você já escreveu vários textos, resultado de sua competência e prática profissionais. Porém essa nova experiência se distingue em três aspectos.

Primeiro, você deverá escrever um **relatório de pesquisa**, que apresente **características científicas**.

Segundo, para chegar a esse texto final, você deverá passar por um **processo de pesquisa**.

Terceiro, você deverá adotar a postura de um **pesquisador**.

Temos, portanto, o roteiro de sua viagem: **Um pesquisador propõe-se a realizar uma pesquisa com características científicas que resultará em um relatório de pesquisa**.

Não resta dúvida de que este é um grande desafio, principalmente se você for iniciante nesse tipo de viagem. No entanto, esperamos estar junto com você ao longo desse processo e, com certeza, participar de seu sucesso.

Podemos traduzir o que foi exposto anteriormente em três questões, as quais, uma vez respondidas, terão demonstrado sua competência preliminar na elaboração e realização de uma pesquisa.

- a. Como distinguir uma **reflexão científica** de outras reflexões?
- b. Como traduzir a reflexão científica em um **trabalho científico**?
- c. Como **redigir** um trabalho científico?

Nossa primeira questão nos remete a pensar nos critérios pelos quais podemos chamar de científico pensamentos que nos ocorrem e a conseguir separá-los de pensamentos expressos de outras formas. Ou, em outras palavras, como podemos identificar aquilo que pensamos como fruto de um exercício em pesquisa científica?

Se você é capaz de distinguir uma **reflexão científica** de outros tipos de reflexão, está diante da tarefa de tornar possível a transformação dessa reflexão científica em um texto organizado, porém que ainda mantém as características do que chamamos de "científico". No entanto, a exigência é ainda maior: não basta pensar e organizar esse pensamento cientificamente. Você deve, também, saber escrever pelos mesmos critérios, ou seja, saber seguir algumas regras estabelecidas pela comunidade científica.

Podemos identificar, pela descrição anterior, a centralidade do adjetivo **científico**. Para entrar no processo de pesquisa, você deve:

pensar

organizar idéias

escrever cientificamente



Voltamos a enfatizar que não se espera a formação de um pesquisador, pois isto requer mais tempo. No entanto, estamos capacitando-o a pensar e a realizar estudos, adotando o referencial, a metodologia e as práticas da pesquisa para se conduzir de forma mais sistemática em suas ações profissionais cotidianas.

Se você conseguir implementar essas três ações, ainda que de forma inicial, estará desenvolvendo a competência necessária para a pesquisa, competência esta que pode ser útil para sua vida profissional.

Este módulo lança os principais elementos do processo de pesquisa, de maneira ainda pouco aprofundada. Eles serão mais bem trabalhados por você ao percorrer o caminho da pesquisa e ao estudar o próximo módulo.

1.2

Diferentes formas de discurso

Para respondermos a nossa primeira questão, sobre diferentes tipos de reflexão, podemos propor três distintas formas de discurso (Demo, 1981), cada uma com seus critérios específicos.

Estamos falando dos **discursos: do senso comum, da ciência e da ideologia**. Vamos imaginar a ciência entre os dois extremos do que seria a não-ciência, ou seja, o senso comum e a ideologia.

Antes de você se aprofundar em cada um desses discursos, torna-se necessário esclarecer que não estamos atrás de buscar alguma superioridade de um sobre os demais. Não se trata de afirmar que o discurso científico, por exemplo, é mais nobre, mais elevado e, portanto, superior e digno das elites pensantes. Essa visão refutaria, até mesmo, todo o propósito desse módulo, que é o de tornar a ciência mais amigável e, por consequência, mais útil, para qualquer pessoa interessada. O que se pretende estabelecer são apenas diferenças sem conotações valorativas, identificando como e quando cada um deles deve ser utilizado e, por conseguinte, o terreno onde pisamos.

Senso comum

Partindo-se, sem considerar alguma ordem de importância, do **discurso do senso comum**, estamos diante da expressão do cidadão, como um direito adquirido. Nesse sentido, cada um pode dizer aquilo que quer, sem preocupação em seguir regras estabelecidas, embora mantendo a conduta da não-ofensa a um terceiro. Misturamos racionalidade com emoções, recursos lógicos com crenças, não importando quem nós somos em termos de raça, *status* social, nível educacional, sexo, estado civil e outras características mais. O adjetivo **comum** cumpre o papel de poder ser o pensamento da maioria das pessoas e, também, de oferecer um sentido pouco estruturado à nossa argumentação. Encontramos esse tipo de discurso, por exemplo, em mesas de bares, quando nos sentamos na roda de amigos, simplesmente para conversar, ou em eventos esportivos, quando torcemos e justificamos a derrota ou a vitória do nosso time.



Lembre-se que estamos atrás do adjetivo “científico” e, portanto, buscamos separar o que é ciência daquilo correspondente à não-ciência. Se você conseguir estabelecer as diferenças, então poderá prosseguir em sua viagem pelo processo de pesquisa. Se julgar que não há diferença alguma, então desarrume as malas e volte à sua vida cotidiana, sem mais sobressaltos.



Aquilo que acreditamos, a nossa **verdade**, é estabelecida no calor e na paixão da nossa argumentação, às vezes até de forma violenta, e, o mais importante, independentemente de como a realidade dos fatos se apresentou. Essa verdade depende muito mais das nossas crenças e das de outras pessoas do que propriamente da natureza real da situação. Por trás desse tipo de discurso, está a liberdade de expressão em uma sociedade democrática.

Ideologia

No outro extremo, encontramos o discurso da **ideologia**. Qual a característica identificadora mais importante dessa forma de expressão? A defesa do **interesse** do seu proponente. Não se trata simplesmente da livre expressão do cidadão, mas a busca do convencimento de outros, daquilo que acreditamos. Deliberadamente, buscamos levar outras pessoas para o nosso lado. A **verdade** já está estabelecida, resta difundi-la pela sociedade. Às vezes, esses interesses podem ser altruístas, outras vezes, corresponderem a objetivos não tão nobres. Independentemente do juízo de valor que façamos, essa forma de expressão configura a defesa do nosso interesse. Sendo assim, novamente, como no senso comum, a verdade se estabelece não pela realidade dos fatos, mas por aquilo que julgamos verdadeiro. Pode ser que tal discurso se apresente mais estruturado, pois necessita de mais recursos para o convencimento; no entanto não deve haver margem para a dúvida, a não ser quando o interesse se altera. O perigo que se pode incorrer quando não há um controle social e democrático estabelecido está no seu desdobramento para o uso da violência ou, ainda, da propaganda e da “lavagem cerebral”.



Essa forma de discurso é encontrada em ambientes que defendem causas coletivas, como a sindical, a política, a comunitária, a religiosa.

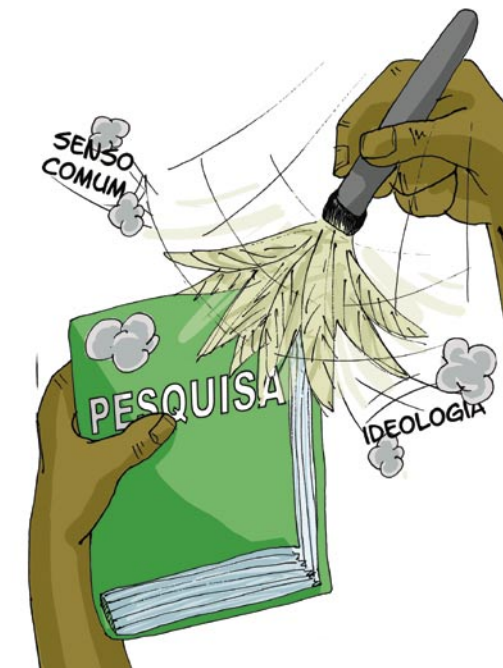
Discurso científico

Dizer que o **discurso científico** é aquele que não é senso comum nem ideologia está correto; porém, não agrega muito à nossa compreensão. Devemos apresentar também, suas características, que, na verdade, irão embasar o desenvolvimento da competência para se fazer pesquisa. A grande distinção está na forma como nos aproximamos da realidade. O importante não está nas nossas crenças, naquilo que julgamos verdadeiro, mas na realidade dos fatos, na compreensão dos acontecimentos reais. Eu, portanto, não sei a verdade por antecipação; ela irá se estabelecer dependendo de como os fatos se comportaram.

Nós procuramos, muito mais, **explicar** os acontecimentos como ocorreram ou ainda fazer **previsões** que poderão nortear decisões futuras. O objetivo, portanto, está em encontrar um caminho, em aprender um método, o qual permite uma aproximação da realidade de forma mais sistemática, mais controlada e mais rigorosa. Nesse sentido, ao contrário da ideologia, mesmo quando a verdade é estabelecida, temos consciência de que ela é provisória, pois a realidade muda e, portanto, também as verdades. Essa atitude, característica do pesquisador, quando também absorvida em nosso dia-a-dia, garante, teoricamente, maior abertura para a aceitação de outras argumentações. Não resta dúvida de que, para esse discurso, torna-se necessário o desenvolvimento de uma competência específica.

As diferenças aqui propostas possuem um efeito didático para facilitar a sua compreensão do adjetivo “científico”, nossa preocupação inicial. Está claro que as fronteiras que separam os três discursos são mais fluidas. No entanto, torna-se importante que você perceba essa diferença para poder caminhar com mais segurança ao longo do processo de pesquisa, dentro do máximo de “cientificidade” alcançada.

O objetivo do módulo é criar as condições para que a argumentação a ser proposta no seu estudo esteja mais sob controle e menos “contaminada” pelo senso comum ou pela ideologia. Você será capaz disso? Este é apenas o início de sua trajetória na pesquisa e esperamos estar ao seu lado ao longo de todo o percurso.



1.3 A pesquisa empírica – a relação entre teoria e prática

Fala-se, freqüentemente, que muitas vezes passamos por uma formação teórica, sem uma aplicação prática, e as universidades são criticadas por isso. No nosso cotidiano profissional, estamos sempre diante de problemas que exigem soluções práticas e gostaríamos de estar preparados para tal. No campo da pesquisa, a questão da relação teoria e prática também se coloca. Por isso acrescentamos o adjetivo **empírico** no tipo de pesquisa que queremos lidar. Para os nossos propósitos, não estamos interessados em pesquisa teórica apenas, mas naquela que permita conhecer a realidade na prática.

Vamos imaginar duas grandes dimensões separando o processo de pesquisa:

- a) a dimensão teórica ou **teoria**, contendo a nossa argumentação e o que pensamos que a realidade seja, e



- b) a dimensão empírica, ou **empíria**, que contém a nossa observação da realidade.



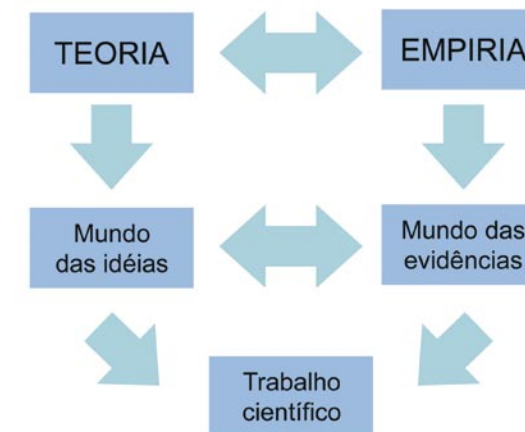
O resultado da pesquisa é fruto desse relacionamento entre o que pensamos e o que a realidade nos mostra.



A grande questão que se coloca no campo científico é o grau de controle que podemos ter sobre o que apresentamos em cada uma dessas dimensões. Isso irá nos diferenciar dos discursos não-científicos, já apontados, o senso comum e a ideologia.

Observe a seguinte figura como síntese dessas idéias.

Sustentação científica de um trabalho



Observe a figura hexagonal como representativa da sustentabilidade científica de um estudo. Veja que a relação teoria e prática é estabelecida na relação entre o mundo das idéias e o mundo das evidências, ou seja, aquilo que você pensa deve ser demonstrado pelas evidências levantadas no mundo real.

A forma que você estabelece seus argumentos e a forma como capta a realidade constituem-se na competência para a realização de uma pesquisa. É a isso que nos propomos, de forma inicial, nesse módulo.

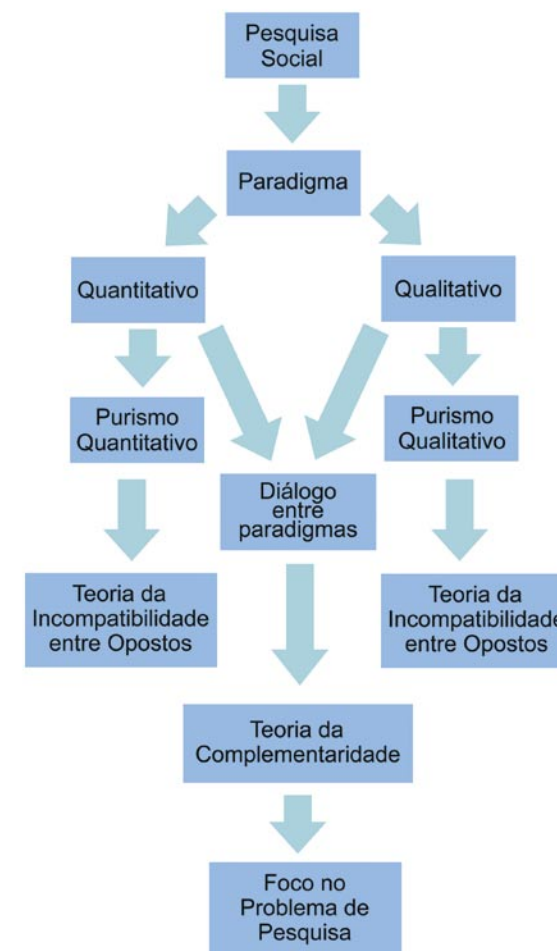
A pergunta a ser respondida, portanto, é como estabelecer os argumentos e como levantar as evidências?



Que diferença você pode estabelecer na relação teoria e prática aplicada ao seu cotidiano pessoal e profissional com essa proposta de aplicação do processo de pesquisa? Ou será que você não vê diferenças? A prática do senso comum ou a prática da ideologia é a mesma que aquela aplicada à ciência? Se você ainda não percebe com clareza as diferenças, esperamos que, com o desenrolar do módulo, esse ambiente possa ser mais bem iluminado.



1.4 A questão do paradigma científico na pesquisa



Por essa figura, você pode identificar duas posições, ou correntes, na literatura especializada, em relação ao paradigma a ser adotado.

A corrente **purista** é mais radical. Tanto pelo lado quantitativo, como pelo qualitativo, a posição é a de que os pressupostos, ou seja, o ponto de partida, de uma ou de outra, são não somente diferentes como opostos. Nessa direção, existe uma incompatibilidade entre eles, levando à necessidade de um posicionamento em exclusão do outro.

Um maior aprofundamento em relação aos pressupostos de cada paradigma, possibilitando mais compreensão do que estamos falando nesse momento, poderá ser encontrado no próximo módulo, dedicado à transformação desse pré-projeto em um projeto de pesquisa empírica.

Em outras palavras, ciência se faz somente pela perspectiva quantitativa, quando a posição é essa, ou pela perspectiva qualitativa, em caso contrário. Isso porque, pelo lado quantitativo, admite-se a unidade do método científico, enquanto pelo qualitativo torna-se necessário um paradigma diferente de ciência quando o objeto de estudo é o ser humano, em que um elevado grau de subjetividade também faz parte da realidade.

Uma posição intermediária também pode ser encontrada, a qual procura mediar uma possível convergência de posições. Ao invés de nos atermos aos pressupostos, devemos focar o problema de pesquisa como norte para uma decisão. Existem problemas para os quais a visão quantitativa pode ser relevante, como pode ocorrer o contrário, com a necessidade de uma

A distinção da ciência de outras formas de discurso é apenas um primeiro passo de algo um pouco mais complexo. Desde o início, o nosso propósito tem sido o de tornar o campo científico mais amigável, de forma a ser útil, mesmo se você não se tornar pesquisador profissional.

Já na introdução, alertamos para o fato de que existe uma controvérsia antiga entre **correntes** que buscam delimitar o campo da ciência. Se aqui não há espaço para um aprofundamento desse debate, não podemos nos omitir, no entanto, de mencioná-lo, pois traz implicações em todo o processo de pesquisa.

Durante muito tempo, pudemos dizer que a corrente positivista manteve a hegemonia na delimitação do campo científico. Um de seus **pressupostos** aponta para a unidade do método da ciência, ou seja, tanto faz o objeto de estudo ser a natureza, ciências da natureza ou o ser humano, ciências sociais e humanas; a forma de se fazer ciência é a mesma.

Contra isso, duas outras correntes se levantaram. De um lado, a dialética, principalmente em sua vertente marxista, e de outro a fenomenologia e a etnografia com os seus desdobramentos.

Está claro que não temos espaço, nem esse é o propósito, para um aprofundamento maior. Queremos, no entanto, estabelecer algum marco diferencial que possa nortear a continuidade de sua inserção no processo de pesquisa. Para todos os efeitos, vamos trabalhar com dois **paradigmas**, os quais julgamos aglutinar as várias correntes e que são debatidos mais comumente na literatura. Vamos chamá-los de paradigmas

qualitativo e quantitativo

Preste atenção na figura a seguir, adaptada de Kipnis (2002, p. 28):

Não nos aprofundaremos em uma descrição das **correntes** epistemológicas da ciência. Um autor que faz uma crítica interessante sobre o positivismo, no entanto ainda mantendo alguns de seus pressupostos, é Popper.

Pressupostos são idéias consideradas como o ponto de partida para a nossa argumentação e que não exigem demonstração. Dois paradigmas com pressupostos distintos significam pontos de partida também distintos.

Paradigma - conjunto de idéias inter-relacionadas que dão coerência e consistência àquilo que observamos (Kipnis, 2002, p. 27). Trata-se, de forma simplificada, de um modelo que sustenta nossas proposições. Conceito mais bem desenvolvido por Kuhn.

visão na perspectiva qualitativa. Mais do que opostos, os dois paradigmas podem ser complementares, principalmente, no que se refere aos aspectos metodológicos.



Trata-se de um debate ainda em aberto. O tratamento dado aqui ainda está em um nível bastante abstrato. No entanto, julgamos interessante abordarmos essa temática nesse momento, pois nos abre a mente para o que vem adiante. Ao entrar na Unidade 2 desse módulo, na medida em que você aprende a como montar o seu pré-projeto, iremos sugerir um retorno à Unidade 1, podendo aí ocorrer a aplicação de uma discussão ainda em nível abstrato. Para o momento, o importante é saber que não existe apenas uma “receita de bolo” tanto para uma definição de ciência, como para a sua implementação.

1.5 Uma síntese para a Unidade

Ainda que de forma pouco aprofundada, essa Unidade procurou colocá-lo em contato com alguns conceitos e questões bastante pertinentes para a criação de uma base na qual você possa estruturar o seu pré-projeto. Na nossa perspectiva, torna-se menos consistente aprender o “como fazer” sem se ter clareza sobre em que base esse fazer se ergue. Estamos atrás não de uma visão **mecânica** e **automática** sobre a feitura das coisas. Pelo contrário, devemos sempre exercer o nosso sentido de **crítica**, única forma de as idéias avançarem.

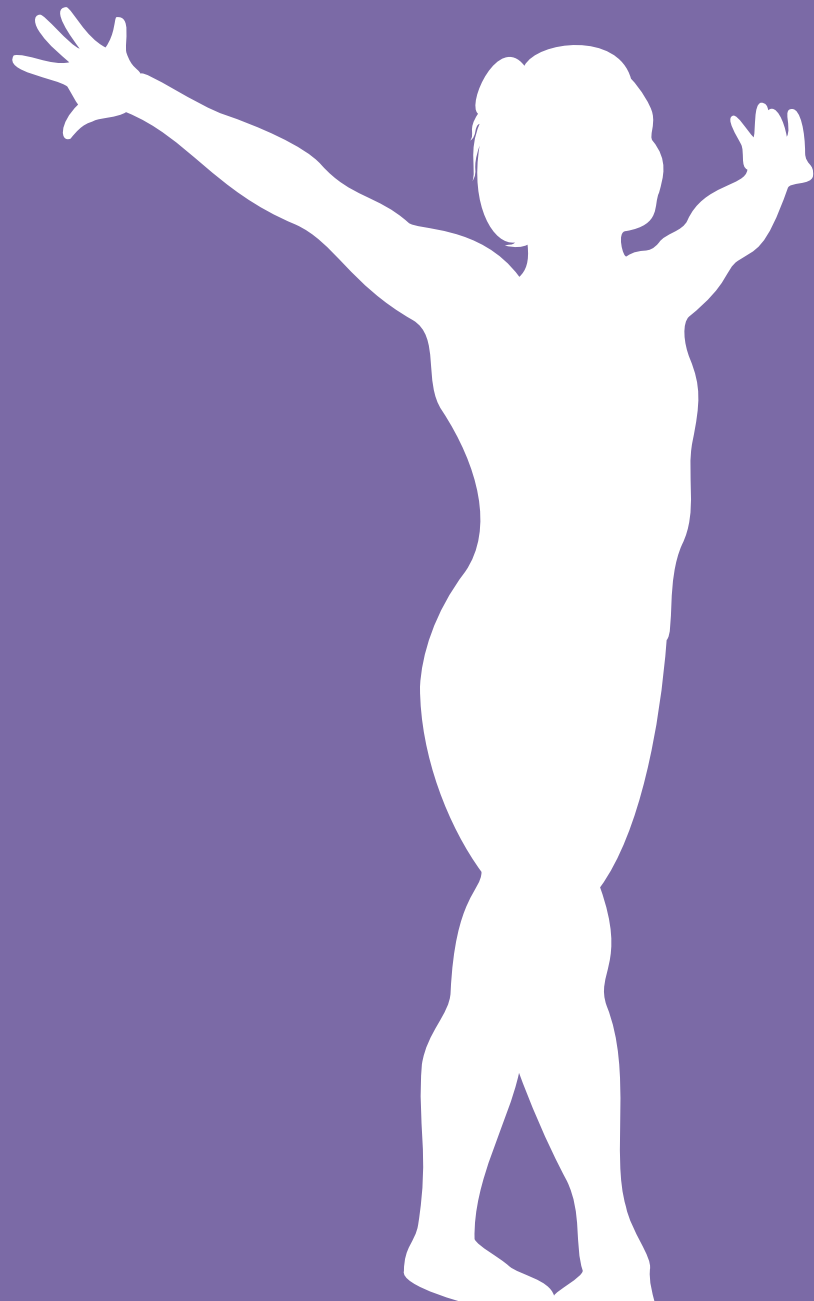
Três pontos foram levantados até o momento.

Primeiro, a necessidade de se diferenciar formas de discurso para estabelecermos critérios para aquele que nos interessa. Em seu caso, você está em busca do que é científico na argumentação e nos procedimentos. Por isso, não deseja realizar um trabalho a partir do senso comum e nem da ideologia. Não que estes últimos sejam menos importantes, mas que devem se manter afastados, na medida em que você desenvolve competência para a elaboração e a implementação de uma pesquisa.

O **segundo aspecto** buscou caracterizar a pesquisa como **empírica**. Dada a natureza de nossos objetivos, torna-se importante lidar não somente com questões teóricas, mas sobretudo fazer a ponte com a realidade. Torna-se fundamental sabermos relacionar o nosso mundo das idéias com o mundo das evidências e explicarmos os acontecimentos que nos rodeiam. Nesse sentido, a prática da pesquisa pode servir para a tomada de decisão em relação à nossa prática do cotidiano, particular e profissional. A pesquisa empírica torna-se relevante na medida em que “segura os nossos delírios teóricos”.

O **terceiro ponto** tornou mais complexa a visão de ciência. Não basta definirmos características que a distinguem do senso comum e da ideologia. Sobre ela própria não existe um consenso entre os pesquisadores. Na

2



Elementos para a **composição**
de um pré-projeto **de pesquisa**
na área do esporte **escolar**

O ponto de partida - o início da pesquisa

Por onde devo começar meu estudo? Essa pergunta surge naturalmente e, ao ser respondida, oferece mais tranquilidade no prosseguimento de sua viagem. O seu interesse é despertado por diversas razões, cujo detalhamento não interessa nesse momento. Porém, uma vez surgido, a sua **experiência** anterior permite estabelecer todas as informações disponíveis.

Esse conhecimento anterior dado pela sua experiência corresponde, portanto, às idéias iniciais. Esse quadro de referência inicial, no entanto, deve ser mais bem elaborado e dependerá de seu grau de escolaridade e de sistematização, desenvolvido ao longo da vida. Estamos falando da passagem do plano do senso comum para o plano da ciência.



Seu ponto de partida para o conhecimento da realidade está diretamente relacionado com a sua experiência de vida cotidiana. É esta vivência que levanta dúvidas e questionamentos, bem como dá significado às suas decisões. No entanto, cada vez que você torna mais elaborada a sua forma de pensamento, maior se torna a sua capacidade de compreensão desta experiência. Isto quer dizer que você sai do plano do senso comum e passa para o plano da ciência.

Vamos tomar um exemplo dentro da Educação Física. O professor de Educação Física de uma determinada escola percebe o elevado número de faltas dos alunos nas aulas do Programa Segundo Tempo. A partir de sua função de educador, essa situação gera um estado de inquietação, pois ele sabe que se trata de uma situação distinta daquela prevista inicialmente. O objetivo é que se tenha o maior número de alunos participantes das atividades e, mantendo-se esse quadro de evasão, a própria sobrevivência do Programa naquela escola pode estar ameaçada. Por sua experiência, esse professor pode fazer algumas suposições, como, por exemplo, os

alunos não comparecem às aulas porque faltam condições de acesso à escola no horário previsto para as atividades ou porque falta a alimentação proporcionada pela escola.

Nesse momento, podemos dizer que o alcance que esse professor possui dessa inquietação inicial se dá em função da bagagem que traz de suas experiências anteriores. Tudo o que ocorre nesse âmbito ainda podemos dizer que seja fruto do senso comum, adquirido ao longo de sua experiência de vida e profissional.

No entanto, a reflexão a respeito necessita ser mais bem sistematizada. Temos de ultrapassar o plano do senso comum. O procedimento científico irá fornecer elementos condutores desta reflexão que você estudará nos próximos tópicos.



A capacidade de reflexão do indivíduo está muito mais associada à sua capacidade em saber propor perguntas relevantes do que em oferecer respostas? Trata-se de uma afirmativa polêmica. No entanto, revela o desenvolvimento de duas competências importantes para a pesquisa: saber perguntar e saber responder.



Essa inquietação inicial, motivadora do surgimento da necessidade da elaboração de um estudo mais aprofundado, pode ser colocada dentro de uma temática mais ampla, a qual serve como uma primeira direção para continuar seu caminho. De acordo com o exemplo, você pode situar aquela inquietação dentro do tema do esporte escolar, mais especificamente, a evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo. Porém, a identificação da temática significa algo ainda bastante genérico. O processo somente avançará na medida em que houver uma **problematização** dessa inquietação inicial. Esse é o ponto de partida efetivo para viabilizar sua pesquisa.

Propor perguntas parece uma tarefa fácil, só que, no seu caminho pelo processo de pesquisa, você deve estabelecer critérios que distingam a proposição de perguntas apropriadas para o discurso científico daquelas aplicadas ao senso comum e à ideologia.

Podemos classificar os problemas com os quais os indivíduos se defrontam, de forma geral, em três categorias (Kerlinger, 1980):

Problemas de valor

Problemas de engenharia

Problemas de pesquisa

O **problema de valor** é resultado de uma pergunta tipo “por que a sociedade brasileira é tão injusta?”. Ela representa uma questão sobre justiça e indaga sobre a sua explicação. Trata-se de uma questão valorativa do que seja justo ou injusto e que, do ponto de vista da ética e das nossas crenças e valores, pode se tornar significativa. Se você prestar atenção, percebe nessa pergunta uma preocupação com o **dever ser**. De acordo com o que acreditamos, queremos um mundo mais justo; gostaríamos de viver em sociedades justas. Está contida nela a noção de como o ser humano e, por conseguinte, a sociedade, devem se comportar.

O **Problema de engenharia** resulta dos seguintes tipos de pergunta: “como preparar um campeonato entre diversas escolas participantes do Programa Segundo Tempo?” ou “como construir um ginásio (ou novos espaços) na área disponível na escola para a prática de diferentes esportes?” Assim como um professor que utiliza o seu conhecimento para a organização de um campeonato inter-escolar, o indivíduo interessado em construir um ginásio poliesportivo ou novos espaços para a prática da Educação Física, direciona o seu estudo para a elaboração dessa estrutura a partir do seu conhecimento disponível.

A terceira categoria pode ser classificada como **problema de pesquisa** propriamente dito. Trata-se de propor uma questão que não seja valorativa e nem operacional, que auxilie na compreensão da realidade e que possa contribuir para o avanço do conhecimento. Como, então, formulá-la? São sugeridos **três critérios** que, uma vez formulados, permitirão a realização de uma pesquisa empírica:

Primeiro, deve ser colocada em **forma interrogativa**.

Segundo, deve representar uma **relação entre dois ou mais fatores**.

Terceiro, deve permitir a **observação** da realidade.

Exemplo

Será que a evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo está relacionada à falta de estratégias de inclusão social?

Agora é com você

Antes de prosseguir com a sua leitura, veja se a pergunta proposta no exemplo atende aos três critérios sugeridos: a **interrogação**; a **relação** e a **empiricidade**.

Se você realizou a atividade proposta, veja se a sua resposta coincide com os esclarecimentos a seguir.

- Não há dúvida de que ela se constitui em uma interrogação, pela própria presença do ponto de interrogação ao final. Na verdade, não é esse o critério determinante na diferenciação entre os tipos de problema propostos;
- A questão apresentada relaciona dois fatores: **estratégias de inclusão e evasão dos alunos**;
- A questão pode ser **observada empiricamente**, ou seja, podemos ir a uma determinada escola e verificar a evasão dos alunos e as estratégias de inclusão social utilizadas pelos professores.



Será que uma preocupação valorativa deve se constituir, também, em uma preocupação do processo de pesquisa? Se o objetivo do pesquisador é o de explicar, ou fazer previsões, de como a realidade se manifesta, de como a realidade se comporta efetivamente, até que ponto a preocupação com justiça, como um valor, deve ser parte de sua pesquisa?



Será que a preocupação do como fazer constitui-se em preocupação do processo de pesquisa? Será que as ações de explicar ou fazer previsões envolvem, também, o “como fazer”?

O conceito correto seria o de **variável**. Como esta explicação virá posteriormente utilizamos, provisoriamente, o conceito de fator.

Sem ainda identificar **fatores** com variáveis, devemos ter em mente, para mais adiante, que o objetivo da pesquisa quantitativa será o de “medir” variáveis para, então, relacioná-las. Por essa razão, o termo quantitativo torna-se apropriado como identificação do paradigma.



Você, agora, consegue perceber as diferenças entre os três tipos de problema? Se não conseguiu, volte ao tópico anterior para uma releitura. Se está tudo claro, prossiga na leitura.

Você deve estar lembrado que, para as ciências sociais, não temos uma única visão do discurso científico. Falamos, anteriormente, nos **paradigmas quantitativo e qualitativo**. Se assim é, isso também deve se refletir em relação aos critérios apontados para a definição de um problema de pesquisa.

Os critérios, até agora colocados, estão associados ao paradigma quantitativo. O critério chave é a relação entre fatores. Para essa perspectiva, palavras como **afeta, influencia, impacta, determina** ou **relaciona** constituem-se termos-chave para o estabelecimento do nosso problema de pesquisa.

A preocupação da **visão qualitativa**, por sua vez, é a de descrever uma realidade complexa, mais do que relacionar fatores, por meio de sua mensuração. Busca-se compreender **processos**.

Exemplo

Se o pesquisador quer compreender a influência da prática pedagógica do professor de Educação Física na motivação dos alunos, poderiam ser sugeridas as seguintes perguntas:

*Como se dá a relação professor-aluno no ambiente da aula e fora dele?
Como ocorre a relação entre os alunos?*

O que é feito para estimular a participação de todos os alunos nas atividades?

Como os conteúdos a serem desenvolvidos são selecionados?

Você deve ter percebido a utilização dos termos “o que” e “como” na definição das perguntas propostas. Eles dão margem, como já foi descrito, muito mais à descrição de um processo do que à explicação de um fenômeno.

Nessa direção, alguns critérios para o problema de pesquisa, dentro da perspectiva qualitativa, podem também ser estabelecidos:

- trata-se de uma **interrogação**;
- apresenta-se em forma de **descrição**;
- parte de uma pergunta mais **geral**, desdobrando-se em outras de caráter mais **específico**;
- permite, com a utilização de perguntas, a realização de uma **pesquisa empírica**; podemos ir a campo para levantar informações a respeito da situação;
- permite um **aprofundamento** sobre a questão a ser estudada.



Perguntas que devem ser evitadas:

- aquelas que caracterizam problemas de valor ou de engenharia, tanto no paradigmas quantitativo quanto no qualitativo;
- aquelas que não permitem a ida do pesquisador ao “campo”;
- aquelas como “qual a contribuição?” ou “qual a importância?”, pois são questões de âmbito valorativo.

O surgimento do problema de pesquisa

Resta, ainda, uma questão interessante para ser trabalhada. Se sabemos caracterizar um bom problema de pesquisa, como chegamos até ele, ou seja, como surge o problema?

Um primeiro elemento decorre do seu interesse, como pesquisador. Por experiências pessoais, seja no campo profissional, seja no seu cotidiano, ocorrem situações que chamam a sua atenção e, por conseguinte, podem ser problematizadas para a realização de um estudo de pesquisa. A **experiência** constitui-se, pois, em uma fonte primária para se “achar” um problema.

Entretanto, quando em dúvida e sob pressão para a escolha de um problema, você pode recorrer à **literatura especializada** para saber, dentro daquela temática, que problemas outros pesquisadores estão estudando, os quais podem servir como inspiração para sua própria escolha. Você pode, também, consultar diretamente especialistas na temática definida e, mediante conversas, definir seu problema.

A justificativa do problema de pesquisa

Ao propor um problema de pesquisa, torna-se relevante o **convencimento** sobre sua importância, ou seja, você precisa responder à pergunta de “**Por que a realização desse estudo é relevante?**”. Em primeiro lugar, você como pesquisador deve estar convencido de que “vale a pena” realizar a pesquisa. Mas podem existir outros motivos. Por exemplo, se você quer algum tipo de financiamento para o seu projeto, deve convencer o agente financiador de que o investimento é promissor. Ou mesmo se deseja concluir um curso de especialização, com apresentação de uma monografia ao seu final, deve convencer, inicialmente, o seu orientador e, em seguida, a banca examinadora, da relevância do estudo.

Nessa etapa do processo de pesquisa, torna-se necessária a apresentação de argumentos consistentes de convencimento. Alguns elementos podem ser apontados. Por exemplo, diante de uma situação-problema vivenciada em sua prática profissional, você percebe a falta de estudos sistemáticos a respeito e que qualquer proposta de solução será precária sem a realização do estudo. Uma outra possibilidade está no número reduzido de estudos a respeito do tema na literatura especializada. Nesse sentido, o estudo proposto contribuiria para o avanço do conhecimento nessa direção.

Sugestão de critérios para a justificativa de escolha de problema

Vamos sugerir alguns critérios que podem estruturar, de forma consistente, a justificativa para a escolha do problema. Não necessariamente todos devem ser utilizados simultaneamente. Também podem existir outros: estes apresentados servem apenas como referência.

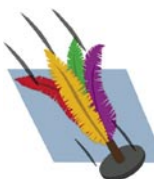
- 1. Existência** - o problema existe de fato e pode ser identificado.
- 2. Alcance** - o número de pessoas afetadas pelo problema pode ser elevado.
- 3. Implicação** - sua existência e alcance podem trazer sérios prejuízos à população afetada.

Dizemos que essa **consulta especializada, seja à literatura, seja a outros especialistas na área, apresenta um caráter exploratório. Estamos, somente, tateando a questão para depois nos aprofundarmos.**



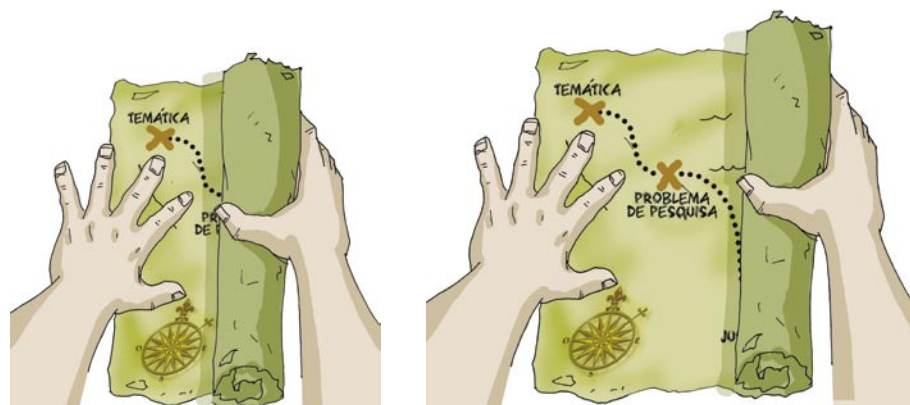
Repare que esses três primeiros critérios referem-se à dimensão do problema proposto.

4. **Escassez de estudos** - a literatura especializada a respeito se apresenta em número reduzido.
5. **Inovação** - a literatura existente não explora efetivamente todos os ângulos pertinentes do problema, constituindo-se o estudo proposto em um "olhar" inovador para a questão.

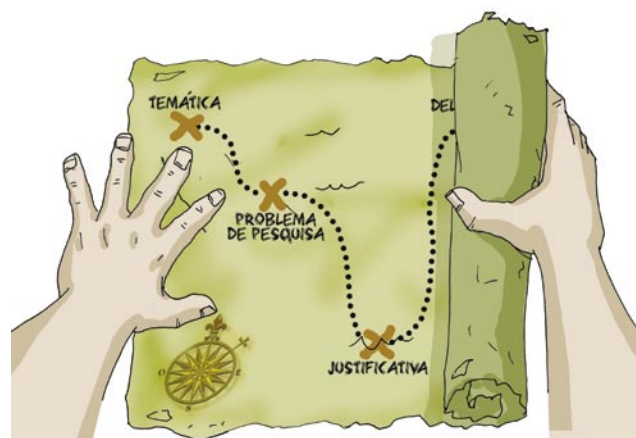


Agora é com você

Dentro de uma temática proposta, apresente um **problema** de pesquisa mostrando como ele atende aos critérios propostos, seja na visão quantitativa, seja na qualitativa.



Em seguida, apresente as **justificativas** para o seu estudo, explicitando os critérios utilizados na sua argumentação.



2.3 A questão da delimitação - o objeto de estudo

Volte ao nosso exemplo, considerado uma boa pergunta de pesquisa, na perspectiva quantitativa: **será que a evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo está relacionada à falta de estratégias de inclusão social?** Perceba que a pergunta, colocada dessa maneira, levanta um importante aspecto para a pesquisa. Ela ajuda a **focar** aquilo que queremos. Como um fotógrafo, o qual procura refletir em uma imagem uma situação específica, podendo envolver paisagem e pessoas, o pesquisador também necessita **focar** aquilo que procura estudar. Uma boa pergunta de pesquisa ajuda nessa tarefa. No nosso exemplo, sei que tenho a preocupação com os alunos do Programa Segundo Tempo e a questão de estratégias de inclusão social.

Além do foco, é necessário **delimitar** a pergunta de pesquisa. Quando dizemos que a pergunta pode ser observada empiricamente, estamos afirmando que podemos ir à realidade e levantar os dados para aquele foco determinado. Percebemos a amplitude da pergunta. Voltando ao exemplo inicial: de que alunos estamos falando, do ensino fundamental ao médio? ou apenas do ensino médio? de quais escolas? do Brasil todo ou de um estado em particular? Vemos, assim, a função e a necessidade da delimitação.

Nesse caso, necessitamos, também, de critérios que nos ajudem a delimitar o nosso problema de pesquisa. Vamos sugerir três:

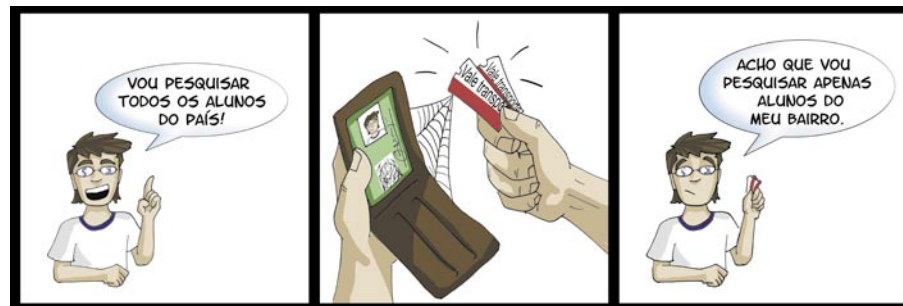
localização geográfica período de observação objeto de pesquisa



Em relação ao nosso exemplo, podemos delimitar o estudo sobre a **evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo e as estratégias de inclusão social, em determinada localidade durante o ano de 2004**. Com isso, atendemos a dois dos critérios propostos. Definimos um espaço geográfico e um período para observação.

Qual a utilidade em delimitar o escopo de sua pesquisa?

Percebe-se que toda pesquisa envolve algum tipo de custo. Quanto mais ampla nós a deixarmos, mais “cara” será e, talvez, ficará até inviável. Depende, também, da experiência do pesquisador em lidar com levantamento de dados. Uma coisa é falar do aluno trabalhador brasileiro, outra do aluno trabalhador de Brasília. Para um pesquisador menos experiente, a amplitude é mais problemática. Você deve ter em mente que não basta apenas querer fazer uma pesquisa. Deve criar as condições, necessárias e suficientes, para a sua efetiva realização.



Falta um terceiro critério. O que entendemos por objeto de pesquisa? Em qualquer pesquisa, estabelece-se uma relação entre o **sujeito** da pesquisa, ou seja, o pesquisador, e aquilo que está sendo pesquisado, o **objeto** da pesquisa. O pesquisador está sempre querendo conhecer algo, seja um objeto da natureza, afeto às ciências da natureza, seja o próprio ser humano, que nesse caso se transforma, também, em objeto do conhecimento, afeto às ciências do homem e da sociedade.

Volte ao exemplo proposto. O que de fato queremos estudar é a evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo. Estamos fazendo, como pesquisadores, um recorte da realidade e concentrando nossa atenção em um aspecto: a evasão dos alunos e as estratégias de inclusão utilizadas pelo professor de Educação Física. Temos, portanto, delimitado o nosso **objeto teórico** de estudo. Como já estamos informados da existência de dois paradigmas na ciência, a característica da **relação sujeito-objeto** irá depender do paradigma a ser adotado, o qual será aprofundado em um próximo módulo.

Nesse momento, ainda estamos interessados na questão de nossa delimitação da pesquisa. Tendo clareza do que queremos, podemos definir mais claramente o **objeto empírico** que o pesquisador irá trabalhar. Essa delimitação pode se dar em apenas uma escola pública de determinada localidade participante do Programa Segundo Tempo ou em todas as escolas públicas existentes no espaço geográfico delimitado? Veja, mais adiante, que a definição de um objeto empírico está associada a uma decisão metodológica, elemento essencial no processo de pesquisa.

Agora é com você

A partir do resultado encontrado na atividade anterior, onde você definiu o seu problema de pesquisa, juntamente com suas justificativas, avance mais um pouco e apresente a delimitação desse seu estudo a partir dos critérios propostos no módulo.



Dentro do planejamento de uma pesquisa, assim como em qualquer planejamento, necessitamos de direção e, com isso, definição de **objetivos**.

Eles cumprem duas funções:

- informam o propósito do pesquisador com aquele estudo;
- possibilitam, ao final, uma **avaliação do estudo** feito, ou seja, saber se o pesquisador alcançou aquilo a que se propôs.

Está claro que para a **avaliação de uma pesquisa**, o alcance dos objetivos é um dos critérios. Outros, também, são levados em conta como a consistência da metodologia proposta, o rigor no levantamento de dados.

A própria sugestão do nome não permite ambigüidades em sua formulação, ou seja, outra pessoa lendo sabe exatamente aonde o autor quer chegar. Na pesquisa, se o **problema** define o seu foco, o(s) **objetivo(s)** indica(m) aonde se quer chegar.

O **objetivo** pode ser classificado em **geral** e **específico** e inicia-se por um verbo, pois representa uma **ação** a ser realizada.

O **objetivo** pode ser classificado em **geral** e **específico** e inicia-se por um verbo, pois representa uma ação a ser realizada. O **Objetivo geral** está associado a uma ação mais abrangente relacionada à problemática em estudo. Ainda seguindo o nosso exemplo, se o problema está contido na evasão dos alunos e nas estratégias de inclusão social utilizadas pelo professor de Educação Física, pode ser sugerido como objetivo geral o seguinte: **estudar** a evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo e as estratégias de inclusão social propostas pelos professores de Educação Física e/ou, ainda, **analisar** a influência das estratégias de inclusão social propostas pelos professores de Educação Física na evasão dos alunos do Programa Segundo Tempo.

Como você percebe a **generalidade** desses objetivos? Repare que os verbos **estudar** e **analisar**, por um lado, são abrangentes para dar essa condição de geral ao objetivo. Por outro lado, o argumento da “evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo” ou a “relação entre a evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo e as estratégias de inclusão social no Programa Segundo Tempo” continua reafirmando esse caráter



genérico atribuído a esse objetivo: qual o perfil desse aluno? De que tipo de estratégias estamos falando? Qual período? No entanto, para esse momento, não cabem respostas, pois queremos apenas afirmar o alcance geral do nosso estudo.

Para operacionalizarmos esse objetivo geral devemos, então, definir os **objetivos específicos**. Estes, sim, devem mostrar, sem ambigüidade, o que queremos alcançar de forma detalhada. Aquelas perguntas que fizemos no parágrafo anterior, as quais o objetivo geral não respondia, agora precisam ser especificadas.

Tendo em vista o nosso problema de pesquisa em exemplo e a sugestão de objetivo geral oferecida, propomos uma listagem não exaustiva de objetivos específicos, podendo ser complementada ou modificada, a critério do pesquisador. Entenda essas sugestões apenas como ilustrações.

Sugestões de objetivos específicos:

- Identificar** os principais fatores explicativos da evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo;
- Descrever** diferentes estratégias de inclusão utilizadas pelos professores de Educação Física;
- Descrever** o perfil dos alunos do Programa Segundo Tempo;
- Propor** medidas para a resolução do problema da evasão dos alunos do Programa Segundo Tempo.

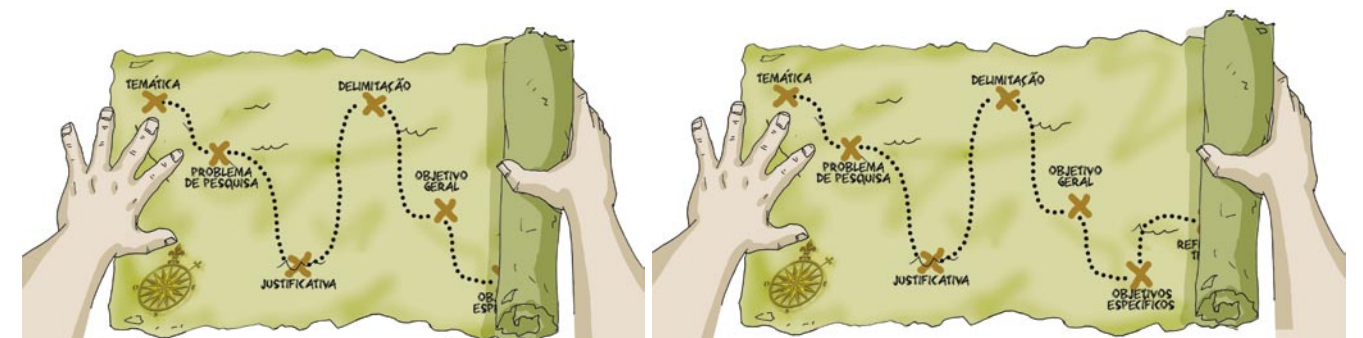
O que você pensa dessa afirmativa: “Uma pesquisa é julgada não pela qualidade de suas propostas de solução, mas pela consistência da demonstração realizada anteriormente”. A competência em pesquisa está em saber demonstrar, na realidade, o que se pensa na teoria e não somente apresentar soluções imaginativas, as quais podem ser interessantes, porém podem não encontrar sustentação.

Sugerimos, portanto, que o objetivo específico propositivo deva vir como último, após o estabelecimento daqueles que irão garantir a sustentabilidade do estudo.

Podemos perceber, agora, como os objetivos específicos podem ser alcançados, na medida em que o estudo encontra-se delimitado. Pelo nosso exemplo, se queremos identificar fatores explicativos e descrever o perfil do aluno, fica mais fácil alcançá-los se sabemos para onde nos dirigimos, ou seja, para uma determinada localidade, em uma escola pública, durante o período de 2004.

Agora é com você

Tendo já definido sua temática, seu problema de pesquisa e respectivas justificativas, bem como realizado a delimitação do seu estudo presente, agora, o seu objetivo geral e os objetivos específicos para a sua pesquisa.



Você percebe como os verbos **identificar** e **descrever** sugerem ações mais específicas do que **analisar** ou **estudar**, mencionados anteriormente no objetivo geral? O que você pensa sobre o verbo **propor**? Quando pensamos em **propor** algo, significa que queremos encontrar alguma solução para o problema estabelecido. Nesse caso, o pesquisador está preocupado com o processo de **intervenção**, o qual oferece uma **outra direção** à pesquisa. Porém, surge a pergunta: **mas o nosso foco anterior não era na explicação e na previsão?** Devemos pensar nesse assunto com muito cuidado. Será que podemos **propor** algo sem uma base de sustentação consistente? Para o senso comum e para a ideologia, é possível. Para o discurso científico, não. Nós precisamos compreender com **sistematização** e rigor antes de **propor** alguma coisa.

Referencial teórico - a sustentação teórica da argumentação

No nível de seu pré-projeto de pesquisa, considerado uma fase de pré-intenção, levante alguns textos encontrados em livros, periódicos e outras publicações com peso científico que poderão servir de referência ao problema e aos objetivos propostos. A técnica de como realizar uma boa resenha de literatura será mais bem abordada no módulo referente ao desenvolvimento do projeto de pesquisa, nada mais do que um aprofundamento dessa intenção inicial.



A diferença entre o discurso científico e os outros está na base de sustentação que se usa para a argumentação. Na medida em que o pesquisador define seu **problema de pesquisa e objetivos**, já existe por trás uma linha de pensamento mais direcionada e que necessita mais aprofundamento. Você está lembrado que dividimos o trabalho científico em duas dimensões: a **teórica** e a **empírica**. De ambos os lados, necessitamos montar um esquema que sustente as idéias que estamos propondo, como pesquisadores.

Vamos voltar ao nosso exemplo para ver se isso fica mais claro. O interesse está em entender a evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo, mais especificamente a influência das estratégias de inclusão social adotadas pelo professor de Educação Física. Qual a sustentação teórica e qual a sustentação empírica que o pesquisador pode oferecer para o seu estudo? O ponto de vista empírico será trabalhado na próxima seção, direcionada à metodologia. No momento, vamos falar sobre a sustentação teórica, tendo esse estudo como exemplo.

Como esse referencial teórico pode ser estabelecido? Como a linha teórica do trabalho pode ser colocada?

Para isso, torna-se relevante falarmos sobre a **resenha da literatura**, ou seja, buscar em outros autores, outros pesquisadores, dados sobre a nossa pergunta de pesquisa, inicialmente proposta. Essa é uma tarefa que exige disciplina e paciência. O primeiro passo consiste no levantamento das obras que tratam da temática que nos interessa, encontradas em livros, artigos de periódicos especializados ou outros tipos de documentos, como teses e dissertações.

Artigos de jornais ou revistas de informação não servem como base de sustentação científica, na medida em que são escritos com objetivos diferenciados e para atingir um público-alvo também distinto.

Você pode estar se perguntando sobre a influência que esta resenha pode exercer em relação ao problema escolhido e aos objetivos já definidos. Se por um lado, esta resenha oferece mais sustentação à sua proposta, por outro, ela pode modificá-la. Na medida em que você vai tendo acesso a outras idéias, esse processo de reflexão pode conduzi-lo por um outro caminho não pensado anteriormente. Justamente, esse é o processo que caracteriza a reflexão científica. Estamos continuamente “amadurecendo” pensamentos e propósitos, aprendendo a conviver com mudanças. Alterações na proposta original podem ocorrer e devemos estar preparados para isso.

Agora é com você

Selecione alguns textos de livros, periódicos, teses, dissertações e outras produções científicas e comente-os como base de sustentação ao seu problema de pesquisa, já proposto. Este será o germe da apresentação do seu referencial teórico.



2.6 Metodologia - como se preparar para levantar evidências

Consideramos os elementos constitutivos da **parte teórica** como: problema, justificativa, objeto de pesquisa, objetivos e referencial teórico.

Neste tópico, será importante fazer uma diferenciação entre os conceitos de *Método* e *Métodos* com relação ao processo de pesquisa. O primeiro sentido, no singular, corresponde à discussão sobre a teoria do conhecimento que embasa a ciência. Assim, quando falamos de **método dedutivo** ou **método indutivo** estamos propondo duas formas alternativas de estabelecermos o conhecimento científico, ou seja a ciência se faz dedutivamente ou indutivamente. Quando usamos o vocábulo no plural, estamos interessados nos instrumentos e nas “técnicas” utilizados no procedimento científico.

Uma vez identificada a **parte teórica do projeto**, conforme desenvolvida nos itens anteriores desta Unidade, você precisa definir como se constituirá sua parte empírica, ou seja, torna-se necessário mostrar como você vai sair do plano das idéias e passar à realidade, como aponta **o caminho a ser percorrido** em sua monografia. A ênfase recai sobre os procedimentos e as técnicas a serem utilizados que permitam levantar evidências para que você alcance os objetivos propostos.

No nível do pré-projeto, queremos que você nos mostre como imagina levantar os dados, tendo por base a parte teórica, já elaborada. Colocado de outra maneira, na medida em que você já definiu o seu problema, delimitou o seu objeto de estudo e definiu seus objetivos específicos, na sua metodologia deve constar, de forma genérica, dois elementos operacionalizadores de sua teoria:

a definição de sua **população** e de sua **amostra**

a definição de seu(s) instrumento(s) para levantamento dos dados

A população e a amostra

Uma pesquisa empírica necessita identificar o conjunto dos elementos com os quais irá trabalhar no sentido de alcançar seus objetivos. Se você está fazendo um “levantamento”, precisa saber com quem, ou com que **unidades** irá conseguir as informações necessárias. Para isto, torna-se importante definir a sua **população**.

População ou universo: o agregado de todos os casos que se adequam a algum conjunto de especificações predefinidas (Kidder, 1987, p. 81)



No nosso exemplo anterior, a população em estudo pode ser considerada como todos os alunos de determinada localidade, participantes do Programa Segundo Tempo, ou ainda, somente os alunos de uma escola participante do Programa Segundo Tempo de determinada localidade. Repare que a delimitação da população depende exclusivamente da nossa especificação, sejam os alunos de um município, sejam os alunos de apenas uma escola.

No entanto, às vezes é bastante dispendioso e complexo trabalharmos com todos os elementos da população escolhida. Para tanto, selecionamos uma **amostra**, ou seja, alguns elementos da população para descobrirmos algo sobre a mesma. Nesse sentido, quanto mais próxima estiver a amostra de sua população, mais segurança teremos em falar algo a respeito da última.

Três elementos devem ficar explícitos nesse contexto, denominado de **plano amostral**:

- 1) como ocorre a **seleção** da amostra de sua população;
- 2) a definição da **unidade** a ser selecionada;
- 3) a definição do **tamanho** da amostra.

Para cada um deles, torna-se necessário um estudo mais aprofundado, não pretendido nesse momento. Por agora, somente é solicitado que você indique a população a ser pesquisada, a unidade de seleção da amostra e uma definição de seu tamanho, sem necessidade de uma justificativa. Lembramos que para análises estatísticas significativas, trabalha-se com um tamanho de amostra a partir de um mínimo de 30 indivíduos. Uma outra possibilidade é trabalharmos com a regra genérica de 10% do tamanho da população.

Instrumentos para levantamento de dados

Dentro dos procedimentos metodológicos que devem constar do seu projeto de monografia, além de uma clara definição da amostra e do plano amostral escolhido, torna-se necessário apresentar o(s) instrumento(s) a ser(em) utilizado(s) no processo de levantamento de informações que permitam falar alguma coisa sobre o(s) objetivo(s) proposto(s).

A seguir descreveremos, de forma ainda que superficial, alguns deles, com a clareza de que qualquer que seja o instrumento utilizado, ele irá apresentar vantagens e desvantagens.

Questionário

Para a aplicação do **questionário** você conta com a possibilidade de preparar previamente as questões e conseguir respostas escritas dos sujeitos da amostra. Entre os pontos vantajosos, podemos dizer que:

- são **menos dispendiosos**, no sentido de poderem ser remetidos a um grande número de pessoas a um baixo custo;
- **evitam vieses potenciais do entrevistador**, ou seja, trata-se de um instrumento mais distante de quem responde e, como as perguntas já estão escritas, não há possibilidade de interferência da subjetividade do entrevistador;
- representam uma forma de garantir o **anonimato** de quem responde; como ele não precisa ser identificado, oferece mais liberdade ao respondente, principalmente em questões de caráter mais confidencial;
- oferecem **menor pressão** para uma resposta imediata. O indivíduo pesquisado tem o seu tempo para amadurecer o que irá responder.

O exemplo da utilização do questionário dentro da nossa temática seria um questionário investigando sobre a percepção dos alunos quanto aos procedimentos pedagógicos do professor nas aulas de Educação Física.

Entrevista

A **entrevista face a face**, por seu lado, oferece vantagens frente ao uso do questionário. O índice de coleta das informações é bem maior. Sabe-se, por exemplo, que quando remetidos questionários pelo correio, a taxa de retorno pode ficar em torno de 10% a 15%, comprometendo bastante até mesmo o plano amostral delineado. No caso das entrevistas face a face ou por telefone, este percentual eleva-se para 70% a 80%. Neste sentido, produz-se uma **melhor amostra da população**.

Aspectos positivos da entrevista face a face:

- muitas vezes ela supera as dificuldades que alguns indivíduos encontram nas respostas por escrito; muitos deles expressam-se muito melhor por meio do discurso oral, dependendo até do nível educacional dos respondentes;
- possibilita a **correção de enganos** dos informantes, à medida que se desenrola;
- consegue maior **elasticidade de tempo** nas respostas; isso garante uma cobertura mais profunda da problemática em estudo, além de criar a possibilidade de um **rapport** entre entrevistador e entrevistado, conseguindo colher informações a questões mais sensíveis;
- torna-se possível, também, a utilização de **recursos visuais**, como a apresentação de cartões, podendo-se escolher as categorias convenientes, conseguindo assim evitar respostas diretas, o que ocasionalmente torna-se conveniente.

Uma entrevista poderia ser utilizada para, por exemplo, saber dos professores as dificuldades e soluções na criação de estratégias de inclusão social dos alunos nas aulas de Educação Física. Isso poderia passar por sua formação, motivações, estrutura física e política da escola, questões culturais da comunidade, entre outros.

Observações

As **observações** podem ser coletadas com a **participação** do pesquisador, seja como qualquer um dos atores, escondendo o seu real papel, seja dando conhecimento aos atores de sua intenção. No primeiro caso, seria uma participação completa; no segundo, uma participação de observador. De outra forma, elas podem ser coletadas com o pesquisador desenvolvendo somente o papel de **observador** sem nenhum tipo de participação.

Entre suas **vantagens** destaca-se:

- o fato de o pesquisador conseguir imediatamente experiências do informante;
- aspectos pouco usuais podem ser notados durante a observação;
- é bastante útil em explorar tópicos pouco confortáveis para os informantes discutirem.

Entre suas **desvantagens**, destaca-se:

- o fato de o pesquisador poder ser observado como “intruso”;
- certas informações “privativas” não poderem ser relatadas;
- o pesquisador pode não ter competência na prática da observação;
- alguns informantes (crianças, por exemplo) podem apresentar problemas específicos de interação.

Um exemplo de como a observação poderia ser utilizada dentro da área do Esporte Escolar seria o de observar aulas e verificar a existência de estratégias de inclusão adotadas pelo professor de Educação Física.

Documentos

Os **documentos** podem ser de caráter público, como minutas de reuniões, jornais diários, ou privado, como uma carta, um diário pessoal.

Suas **vantagens** são:

- podem ser acessados em um tempo conveniente ao pesquisador,
- permitem um maior acesso à linguagem e às palavras do informante;
- como evidência escrita, evitam o tempo e a despesa com transcrição.

Como **desvantagens**, ressalta-se que:

- as informações podem estar protegidas e serem inacessíveis ao uso público ou privado,
- podem requerer a procura em locais de difícil acesso;
- podem não ser autênticos ou precisos,
- podem necessitar uma transcrição ou a utilização de *scanner* para o trabalho no computador,
- muitas vezes o material pode estar incompleto.

Por meio de documentos pode-se obter dados, por exemplo, sobre o índice de evasão dos alunos no Programa Segundo Tempo, por regiões, no decorrer do tempo de existência do programa. Há regiões com maiores índices de evasão? Esses índices aumentaram em determinados períodos?

Materiais audiovisuais

Os **materiais audiovisuais**, como fotografias, videoteipes, objetos de arte, filmes e programas de computador, como uma possibilidade de levantamento de informações, apresentam as **vantagens** de poderem ser um método que não obstrui a coleta de dados, oferecendo uma oportunidade ao informante de compartilhar diretamente a sua realidade e de ser uma forma criativa que captura a atenção visual do público.

Entre as **desvantagens** contempla-se o fato de poderem ser de difícil interpretação; não estar acessíveis ao público, além da presença do pesquisador muitas vezes desorganizar e afetar as respostas.

Os materiais audiovisuais podem ser utilizados para, por exemplo, gravar as aulas de Educação Física e, posteriormente, analisar as estratégias utilizadas pelo professor.

Grupo focal

O **Grupo focal** representa um tipo específico de grupo para o qual se prepara uma discussão muito bem planejada com o objetivo de se obter as percepções dos indivíduos sobre uma área de interesse determinada. É conduzido com, aproximadamente, 7 a 10 pessoas, por um entrevistador capacitado, em um ambiente geralmente agradável para os participantes compartilhar suas idéias e percepções. Existe uma influência mútua entre os membros do grupo por meio das respostas aos comentários apresentados na discussão.

Segundo Krueger (1994), as entrevistas com grupos focais apresentam seis características:

- (1) pessoas,
- (2) reunidas em uma série de grupos,
- (3) com características razoavelmente homogêneas e desconhecidas entre si,
- (4) atuando como um procedimento para coleta de dados,
- (5) de natureza qualitativa,
- (6) em uma discussão focada.

Como exemplo da utilização de grupos focais poderíamos citar a discussão entre professores e alunos sobre as estratégias de definição dos objetivos e seleção dos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física.

Testes

Os testes são utilizados na ciência nas mais diversas áreas. Podem ser usados tanto nas ciências sociais como nas da natureza. São instrumentos para se obter dados quantitativos sobre rendimento, competência, capacidade ou conduta.

Aplicar um teste significa medir, isto é, comparar com um critério determinado. Consiste de uma medida objetiva e padronizada. Os tipos de testes podem ser motores, verbais, visuais ou gráficos.

Requisitos: validade, fidedignidade e padronização.

A validade diz respeito ao fato de o teste medir exatamente aquilo a que se propõe. Por exemplo, se o que se deseja medir é flexibilidade, você deve arranjar um teste que meça a amplitude dos movimentos articulares. Já se você quer medir fadiga tem de utilizar a medida de uma variável relacionada à fadiga, como frequência cardíaca, sudorese, perda de força muscular, a não-manutenção de determinada frequência ou intensidade de movimento ou outras. Nesse caso, como não se tem um instrumento para medir fadiga diretamente, pois essa é uma variável que precisa ser definida, deve-se encontrar aspectos do comportamento que possam ser medidos e estejam relacionados à descrição de fadiga que foi estabelecida.

A fidedignidade refere-se ao fato de você sempre obter os mesmos resultados ao aplicar o teste, desde que a situação não mude. Por exemplo, se você está medindo flexibilidade em um indivíduo com um teste de banco, em três tentativas, os resultados devem ser semelhantes entre as tentativas (semelhantes porque há uma variação inerente ao ser humano: se fosse um objeto material e o teste aplicado por uma máquina, o resultado **deveria** ser sempre o mesmo). Se os resultados não forem semelhantes, pode ser que o teste não tenha validade, ou seja, não esteja medindo exatamente o que se quer medir ou não possua padronização.

Padronização refere-se aos procedimentos de aplicação do teste ou ao protocolo de teste. Para se obter os mesmos resultados deve-se proceder sempre da mesma maneira. Os testes utilizados podem ser aqueles já validados e descritos na literatura ou podem ser criados pelo próprio pesquisador. No caso de serem criados pelo pesquisador seria importante comparar com um teste preexistente, processo que se chama de validação do teste. O importante é que atenda aos três requisitos citados anteriormente.

2.7 Cronograma de trabalho – a questão dos prazos

A idéia presente é de que você perceba a necessidade de planejar o seu tempo para que a monografia ocorra dentro do prazo estabelecido.

Agora é com você

Tendo por base a dimensão teórica já estabelecida de sua pesquisa e as idéias apontadas nesse tópico, apresente a metodologia que você espera implementar.

Se você realizou todas as atividades propostas até aqui, terá definido as dimensões teórica e empírica de seu pré-projeto.



Dentro do pré-projeto, deve ficar estabelecido o período de execução das atividades necessárias para a sua implementação. Você deve levar em conta o prazo final de entrega do relatório de pesquisa, no caso a monografia, tomando-o como referência. Verifique o modelo a seguir. Trata-se de um exemplo para quem fará uma pesquisa empírica com aplicação de algum instrumento.

Atividades	Períodos						
	1	2	3	4	5	6	7
• Aprofundamento da resenha da literatura	-----	-----	-----				
• Elaboração do instrumento	----						
• Aplicação do pré-teste	----						
• Reformulação do instrumento		---					
• Aplicação definitiva do instrumento		----					
• Follow-up			-----				
• Digitação dos dados			-----				
• Análise dos dados				-----			
• Redação da monografia					-----		
• Entrega da 1a. versão						-	
• Reformulação						-----	
• Entrega da versão final							-
• Apresentação pública							----

No nível de pré-projeto, esse cronograma representa apenas um exercício para mostrar uma primeira aproximação com o que irá ocorrer quando da realização do projeto efetivo. A definição dos períodos pode equivaler a meses, semanas ou quinzenas. Cabe a você essa delimitação.

2.8 Referências

Inclui todas as obras consultadas durante a elaboração do pré-projeto, evidenciadas principalmente mediante a resenha da literatura. Nesse nível, esta seção não se apresentará com um número elevado de referências, pois trata-se de uma primeira fase. Queremos, somente, um primeiro exercício.

A referência básica é dada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que você poderá consultar diretamente, ou a bibliografia disponível sobre metodologia científica, que sempre dedica uma seção sobre essa questão.

Segundo as Normas para Apresentação de Documentos Científicos (2000, p.2),

a referência é o conjunto padronizado de informações agrupadas em elementos descritivos, retirados de um documento e que permitem a sua identificação no todo ou em parte.

Quando no plural, referências, equivalem a uma lista ordenada dos documentos citados pelo autor ao longo do texto.

Fazem parte da referência seus elementos essenciais, obrigatórios à identificação dos documentos citados como: autor, título, editor e ano de publicação. Elementos complementares, de caráter opcional, podem ser acrescentados como: subtítulo, número de páginas e/ou volumes, título e número da série, entre outros.

A sua localização pode aparecer em nota de rodapé, no final do capítulo, em lista de referências ao final do relatório ou encabeçando resumos ou resenhas. No pré-projeto, como posteriormente, adotamos a lista de referências no final do trabalho e com uma ordenação em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor.

2.9 Título da pesquisa

Alguns comentários sobre o **título da pesquisa** devem ser apresentados. Somente depois que você tiver o seu pré-projeto estruturado, pense no título do seu trabalho. De forma geral, o título maior deve traduzir o foco do seu estudo, principalmente definido pelo problema inicial. Por exemplo, "Estratégias de inclusão do aluno nas aulas de Educação Física". A seguir, é possível a apresentação de um subtítulo, o qual oferece mais precisão àquilo que se encontrará no trabalho. Continuando no nosso exemplo, "Estratégias de inclusão do aluno nas aulas de Educação Física: um estudo sobre o Programa Segundo Tempo".

Atividade 6

Se você realizou todas as atividades anteriores, está preparado para enviar o seu pré-projeto, apresentando o seguinte formato:

Título do pré-projeto

Autor:

1. Problema e justificativa(s)
2. Delimitação do estudo
3. Objetivos
 - 3.1. Geral
 - 3.2. Específicos
4. Referencial teórico
5. Metodologia
6. Cronograma de trabalho

Referências bibliográficas

- DEMO, P. **Metodologia científica das ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1980.
- KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. 5a. reimpressão. São Paulo: E.P.U., 1980.
- CASTRO, C. de M. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.
- KIDDER, L. (org.). **Métodos de pesquisa nas relações sociais**: delineamentos de pesquisa. Vol.1. São Paulo: E.P.U., 1987.
- KIDDER, L. (org.). **Métodos de pesquisa nas relações sociais**: medidas na pesquisa social. Vol.2. São Paulo: E.P.U., 1987.
- KIDDER, L. (org.). **Métodos de pesquisa nas relações sociais**: análise de resultados. Vol.3. São Paulo: E.P.U., 1987.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3a. edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Atlas, 1993.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 1a. reimpressão. São Paulo: E.P.U.
- NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTOS CIENTÍFICOS. Sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Paraná. 10 Vols. Curitiba: UFPr, 2000.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. 2a. ed. Lisboa: Gradiva, 1998.